

Título:**PERCEPÇÃO DE AUTONOMIA ENTRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DE ASSOCIAÇÕES E ORGANIZAÇÕES PRIVADAS DE FORTALEZA**

Palavras-chaves: **Autonomia. Percepção. Catadores de Materiais Recicláveis. Organizações Associativas.**

Autores:

Maria Eulaidia de Araújo Vieira

CPF: 232.435.033-53

Mestranda em Psicologia da Universidade de Fortaleza - **UNIFOR** – Bolsista FUNCAP

Email: eulaidia16@yahoo.com.br

Regina Heloisa Mattei de Oliveira Maciel

CPF: 063.184.548.88

Prof. Dra. - Universidade de Fortaleza

Email: reginaheloisamaciel@gmail.com

INTRODUÇÃO

O aproveitamento do lixo nos grandes conglomerados urbanos, através de sua reciclagem, tem sido uma das possíveis respostas ao problema decorrente da quantidade de restos produzidos pelo aumento das populações e seu consumo. A reciclagem dos materiais sólidos consiste no re-processamento dos restos por usinas especializadas e o aproveitamento do material assim produzido pelas indústrias. O reaproveitamento pode trazer vantagens econômicas, ambientais e sociais. As econômicas dizem respeito à possibilidade de utilização do lixo como matéria prima relativamente barata; as ambientais se relacionam a não poluição e a uma menor utilização dos recursos naturais, uma vez que não haveria acúmulo de lixo e o próprio lixo se transforma em matéria prima; e as sociais dizem respeito ao “aproveitamento” das camadas populacionais mais pobres, os “excluídos” do mercado formal de trabalho, para realizar o trabalho de coleta e separação dos materiais sólidos recicláveis. Esse sistema, baseado nas três premissas, tem sido utilizado, com maior ou menor eficiência, por diversos países (Dall'Agnol e Fernandes, 2007; Machado et al., 2006; Buenrostro e Bocco, 2003; Chung e Poon, 1998). A solução do problema do lixo e de como dispor dele varia dependendo das condições sócio-econômicas a região, do país e da cidade em que o processo ocorre. Nos países desenvolvidos as populações têm sido educadas no sentido de diminuir a produção de restos, mas, principalmente, no processo de separação do lixo de forma a facilitar o seu reaproveitamento (Al-Khatib et al., 2007). Nesses países, a coleta seletiva do lixo evita a necessidade de sua separação de outros materiais, principalmente dos restos orgânicos, facilitando o gerenciamento de seu reaproveitamento. Alguns autores (Machado et al., 2006; Magera, 2004; Layrargues, 2002) apontam o paradoxo existente na lógica em que, por um lado, há um incentivo para o consumo desenfreado e, por outro, a necessidade de educar as populações para dispor corretamente do lixo produzido por esse mesmo consumo, além da necessidade de se criar e investir em programas de reciclagem e diminuição dos restos. Nos países em desenvolvimento, as soluções para o problema do lixo têm sido mais precárias, incluindo a utilização de grandes extensões de terra como depósitos de lixo, os chamados “lixões”, sem um gerenciamento adequado de seu reaproveitamento ou diminuição. Nesses casos, o lixo é coletado por caminhões, ou das próprias prefeituras ou fornecidos por terceirizados, e todo o lixo recolhido é

amontado nos lixões. Há também casos em que a coleta realizada pelos caminhões é ineficiente ou feita com uma frequência abaixo do necessário (menos de três vezes por semana) (Al-Khatib et al., 2007; Doan, 1998; Colon e Fawcett, 2006; Zia e Devadas, 2008), o que leva ao acúmulo de lixo nas ruas e avenidas. Segundo Martins (2004), baseando-se na Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do IBGE, em 2000, o Brasil produzia, por dia, 228.413 toneladas de lixo, das quais 36% tinham como destino final aterros sanitários, 37% iam para aterros controlados, 21% para lixões a céu aberto, 3% para estações/usinas de compostagem e 1% para estações/usinas de triagem e reciclagem. Em geral, a coleta de lixo e sua separação em materiais re-adequáveis são realizadas pelo segmento populacional mais pobre dos centros urbanos. Em algumas cidades, os indivíduos que realizam essas atividades formam associações de catadores de materiais recicláveis. As maiorias dessa classe de trabalhadores dependem de terceiros para a finalização da venda dos materiais coletados. Em Fortaleza, os donos de depósitos, chamados de “deposeiros”, fazem a mediação entre o catador e a usina de reciclagem, exceto no caso das associações de catadores em que essa mediação é realizada pelo presidente. No Brasil, estima-se que o número de catadores e materiais recicláveis seja de aproximadamente 500.000 (quinhentos mil), estando 2/3 deles no Estado de São Paulo (Medeiros e Macêdo, 2007). A profissão de catador de lixo foi incluída no CBO (Catálogo Brasileiro de Ocupações) em 2001. Nessa classificação, os catadores de lixo são registrados pelo número 5192-05 e sua ocupação é descrita como catador de material reciclável. Segundo a descrição sumária de suas atividades na CBO, os catadores “catam, selecionam e vendem materiais recicláveis como papel, papelão e vidro, bem como materiais ferrosos e não ferrosos e outros materiais re-adequáveis” (Brasil, Ministério do Trabalho, 2001). Existem na cidade de Fortaleza em torno de 16 grupos de catadores organizados em associações, sejam formais ou informais, atingindo uma média de 15 a 25 catadores por grupo. Existem também aqueles que vendem diretamente a deposeiros ou empresas privadas que trabalham com reciclados. O Jornal “O Povo” de Fortaleza, publicou os resultados de uma pesquisa realizada, em 2006, pelo IMPARH (Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e Recursos Humanos). De acordo com a pesquisa, não se conhece exatamente o número de catadores, mas estima-se que cerca de 6 a 8 mil pessoas trabalhem nessa atividade em Fortaleza. Ainda de acordo com a pesquisa, a maioria dos catadores (27,9%) tem entre 18 e 25 anos, é chefe de família e tem mais de um filho. Os catadores que possuem entre 31 a 40 anos, constituem a segunda categoria mais frequente, o que provavelmente indica uma dificuldade de inserção/reinserção no mercado formal de trabalho. Quase 30% deles não terminaram nem a 4ª série, 22,6% são analfabetos e apenas 9,1% dos catadores continuam a estudar. Os trabalhadores, em geral, são de origem humilde, excluídos do mercado de trabalho formal e vistos como desocupados e sujeitos: homens e mulheres da rua, peças descartáveis da engrenagem social (Adametes, 2004). Apesar das tentativas de inclusão dos catadores/coletores como trabalhadores, esses profissionais sofrem e sentem o preconceito de trabalharem com dejetos e terem condições precárias de trabalho e de vida (Sousa e Mendes, 2006; Adametes, 2004; Medeiros et al., 2007). O fazer do catador encontra-se no centro do processo de inclusão e exclusão social: se, por um lado, o trabalho proporciona um mínimo de renda para sobrevivência (inclusão) as condições desumanas em que trabalham e vivem coloca os catadores na fronteira da exclusão social. Segundo Sawaia (2008), “a exclusão é um processo complexo e multifacetado, envolvendo ao mesmo tempo questões de ordem material, política, relacional, ética e subjetiva. A exclusão é um processo dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, é

processo que envolve o homem por inteiro e suas relações com os outros” (2008:p.9). A exclusão é produzida a partir da atividade humana que gera um emaranhado de relações de poder. A lógica das sociedades contemporâneas possui como eixo o consumo, levando à descartabilidade de pessoas e coisas. A “menos valia”, atribuída a uma parcela da humanidade, demarca um cenário opulento, cruel, dramático e de negação de direitos humanos. As relações dos catadores com a população em geral e com o poder público é permeada pelo conflito inclusão-exclusão, em uma crise constante de identidade. Apesar do grande número de entidades e movimentos sociais em prol da organização e autonomia dos catadores, esse grupamento social ainda se encontra na fronteira da miséria absoluta. Trabalhando na informalidade, os catadores são trabalhadores autônomos: trabalham por conta própria, recolhendo os materiais que podem ser vendidos para os depósitos ou para empresas. Medeiros et al. (2007) denominam os catadores de lixo de “autônomos proletários”, uma vez que sua autonomia é ilusória, pois vendem sua força de trabalho às usinas de reciclagem em condições altamente precarizadas. As jornadas de trabalho são extensas e os ganhos resultantes desse trabalho são extremamente baixos. Embora altamente precarizados, os catadores se percebem como trabalhadores “livres e autônomos”, donos de seu tempo e de seu fazer. A idéia de autonomia, segundo Foucault (2008), “esboça a condição e possibilidade de um significado ético para a “estética da existência”, isso a partir da dimensão constitutiva do sujeito e da liberdade de escolha de modos de vida, sendo o trabalho uma constante na construção ética e de reflexão sobre si mesmo. Há um movimento e mobilização social em busca de alternativas que proporcionem a redução da exclusão de grupos marginalizados do processo de desenvolvimento econômico e social. Esse é o caso das organizações associativas de catadores de material reciclável. De acordo com Segre *et al* (1998), etimologicamente, “autonomia” é um termo que vem do grego. Trata-se de uma palavra formada pelo adjetivo pronominal *autos*, que significa ao mesmo tempo "o mesmo", "ele mesmo" e "por si mesmo" e *nomos*, que significa "compartilhamento", "lei do compartilhar", "instituição", "uso", "lei", "convenção". Assim, autonomia significa a competência humana em "dar-se suas próprias leis". Filosoficamente, "autonomia" indica a condição de uma pessoa ou de uma coletividade, capaz de determinar por ela mesma a lei à qual se submeter. Seu antônimo é "heteronomia". Em sua discussão do conceito, os autores afirmam que a autonomia que realmente interessa na atualidade é a autonomia ética, isto é, o espaço em que se dá a contradição entre obediência às leis e as escolhas dos sujeitos “livres”. Segundo os autores:

Se a liberdade é um modo de existir e não um ideal separado da existência, então a autonomia é sempre o exercício em que a liberdade se confronta com o seu contrário, com as determinações. Ela se exerce sempre num espaço ameaçado pela heteronomia (SEGRE et al, 1998).

Advertem que o conceito é extremamente complexo e que há uma grande dificuldade em se estabelecer os limites do que é autônomo diante de situações específicas. Sempre é complicado estabelecer se é possível estender os limites da autonomia às crianças (seres ainda imaturos) ou aos “loucos”, ou, trazendo para o caso específico que este estudo aborda, aos destituídos social e culturalmente:

No instante em que estivermos julgando a condição de quem quer que seja de manifestar-se, ou de agir desta ou daquela forma, e intervirmos sobre esse ser, contrariamente à sua vontade, nesse exato momento estaremos violando a sua autonomia. (SEGRE et al, 1998).

Apesar das dificuldades de conceituação e até mesmo de aplicação do conceito na prática, optou-se por definir autonomia, neste trabalho, como: **“a capacidade e poder do ser humano de tomar decisões inerentes a si mesmo diante da vida, de forma livre e consciente”**, cientes de que, ao fazer isto, se pressupõe um sujeito consciente e maduro, capaz de autodeterminação e que este julgamento deve ser feito em algum momento, independente do sujeito, seguindo normas sociais e culturais baseadas no conceito de democracia. Na relação com o trabalho associativo, trata-se da autonomia na tomada de decisão de pessoas que escolheram, de forma livre e democrática, participar de uma organização coletiva, com o objetivo maior de transformação de sua realidade social. Historicamente, o movimento autonomista teve uma grande contribuição no processo de enfrentamento de situações de exclusão, crises econômicas e sociais. Neste trabalho procura-se refletir sobre como se dá o processo de construção da autonomia dos trabalhadores dentro de um espaço de vivência coletiva. Trata-se de atores sociais relacionados à questão da crise ecológica e reciclagem do lixo, por isso a busca de compreender a relação e influência da autonomia para a sustentabilidade dessas organizações, como aspecto importante na relação homem e trabalho. O método consiste de observações, entrevistas, grupos focais e etnografia. Os participantes são os próprios catadores que trabalham diretamente nas organizações associativas e para depósitos.

Objetivos

O objetivo do trabalho é verificar como os catadores pensam sua condição de trabalhadores autônomos e até que ponto percebe as contradições existentes entre essa condição e as imposições da exclusão da sociedade de consumo. Ao mesmo tempo, busca-se verificar se os catadores percebem diferentemente sua condição de trabalho, em relação à autonomia, quando ligados a uma associação de catadores ou trabalhando isoladamente para “deposeiros”. Ao mesmo tempo verificar as condições que levam os indivíduos a trabalharem e permanecerem como catadores de materiais recicláveis. Esses objetivos se justificam uma vez que o poder público e organizações não governamentais têm colocado como importante a formação de organizações associativas da classe como tentativa de melhorar as condições de vida e trabalho desses grupamentos urbanos.

Objetivos específicos

- Identificar como os catadores de materiais recicláveis da cidade de Fortaleza percebem sua condição de vida e trabalho;
- Identificar atitudes e comportamentos relacionados à condição de trabalhadores autônomos;
- Verificar a importância dada à condição de autônomo por estes trabalhadores e suas relações ou contradições com o trabalho em associações e organizações privadas;
- Analisar como a percepção dos trabalhadores sobre o seu trabalho pode contribuir para subsidiar a construção de um modelo de gestão de organização associativa sustentável

METODOLOGIA

Nesse estudo pretende-se utilizar um método de pesquisa quali-quantitativo. O uso combinado de diversos instrumentais e técnicas têm por objetivo possibilitar um olhar

sistêmico sobre os dados coletados e permitir melhores condições de análise diante da complexidade dos conceitos que se pretende estudar. Em seu aspecto quantitativo, a pesquisa auxiliará na determinação de variáveis e estabelecimento de parâmetros comparativos entre os dois tipos de catadores em estudo: catadores que trabalham para as associações ou para organizações privadas. Em seu aspecto qualitativo, auxiliará na maior compreensão dos processos relacionais, bem como dos valores, crenças e atitudes presentes no discurso e comportamento dos catadores. Até o momento foram estudados trinta catadores, distribuídos em cinco grupos focais, cinco entrevistas e uma etnografia. Dos cinco grupos, dois foram formados por vinculados aos depósitos e três vinculados as associações. Foram entrevistados dois catadores e um dono de depósitos e dois catadores de associações. As entrevistas com os grupos focais duraram uma hora e meia em média por grupo. Os dados coletados foram gravados e transcritos, coletados a partir da combinação de várias técnicas e instrumentos: grupo focal; entrevista, com sistematização da história de vida do entrevistado. Nessas sessões, os trabalhadores foram convidados a relatar sua condição de vida e trabalho atuais, iniciando pela colocação de seus nomes, idade, e o tempo de trabalho na catação. Para a análise das entrevistas foi adotado o referencial metodológico do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que se baseia na extração de idéias centrais e respectivas expressões-chave da fala dos sujeitos, como forma de organizar os depoimentos (Lefèvre e Cavalcanti, 2006). Pretende-se ainda, construir um modelo que mostre as principais diferenças entre os dois tipos de catadores estudados, composto pelos dados obtidos em todas as fases da pesquisa. Para isso será utilizado o programa NVIVO, específico para análises qualitativas e a construção de modelos teórico-conceituais a partir de relatos e observações. Além disso, ainda está previsto a realização dez entrevistas individuais, focalizando-se, especialmente, a história de vida desses catadores, sendo cinco catadores ligados a uma das 16 associações existentes em Fortaleza e cinco serão catadores que trabalhem exclusivamente para depósitos, e aplicação de vivências que possibilitem a análise de atitudes e comportamentos. Os questionários, contendo questões factuais sobre a história ocupacional e de vida dos catadores e escalas de atitudes, serão aplicados individualmente, por meio de entrevistas, dado o nível de escolaridade do grupo em estudo. Essas entrevistas deverão ocorrer ao final das sessões de vivência e ao final das entrevistas sobre a história de vida. A análise dos dados quantitativos (questionários) será realizada com o auxílio do programa estatístico SPSS (Statistical Package For Social Sciences), incluindo-se, no caso das escalas, a análise fatorial das respostas e a possível construção de um modelo relacionando variáveis latentes (SEM-Structural Equation Model).

Tabela I: Participantes

Name	Grupo focal	Idade(anos)	Tipo Organização	Sexo	Tempo de trabalho
Luiz	FG1	60	Independente	Masculino	12 anos
Francisco José	FG1	31	Independente	Masculino	
Washington	FG1	47	Independente	Masculino	20 anos
Ana	FG1	40	Independente	Feminino	-
Agenor	FG1	65	Independente	Masculino	-
César	FG2	33	Associado	Masculino	-
Luiz Fimino	FG1	59	Independente	Masculino	15
Francisco	FG2	30	Associado	Masculino	2
Geruza	FG2	47	Associado	Feminino	-
Diassis	FG2	42	Associado	Masculino	-

José	FG2	63	Associado	Masculino	-
Francisco Mendes	FG2	60	Associado	Masculino	-
Gildo	FG2	66	Associado	Masculino	-
Carlos	FG3	38	Independente	Masculino	-
Marcos	FG3	25	Independente	Masculino	-
Jaqueline	FG3	41	Independente	Feminino	-
Loira	FG3	38	Independente	Feminino	-
Paulista	FG3	48	Independente	Feminino	-
Acácio	FG3	59	Independente	Masculino	23 anos
Maninho	FG4	26	Independente	Masculino	-
Graça	FG4	45	Associado	Feminino	-
Fátima	FG4	47	Associado	Feminino	-
Antonia	FG4	35	Independente	Feminino	8 anos
Bill	FG4	35	Independente	Masculino	8 anos
Maria	FG4	45	Associado	Feminino	-
Veronica	FG5	38	Associado	Feminino	1 anos
Claudia	FG5	43	Associado	Feminino	12 anos
Moisés	FG5	44	Associado	Masculino	12 anos
Antonio	FG5	23	Associado	Masculino	6 meses
Geisa	FG5	25	Associado	Feminino	5 meses

RESULTADOS

Nesta fase da pesquisa, foi utilizado para análises o método do discurso do sujeito, e separados por categorias e subcategorias de acordo com seu significado. No entanto, neste trabalho vamos nos deter aos resultados na categoria que apontam as diferenças e semelhanças na organização de trabalho e dimensões psicossociais entre depósitos e associações e relação de ser um trabalhador vinculado ou não a uma associação, ou ser independente, sendo este vinculado ou não a um depósito. O trabalho de catação é essencialmente o mesmo para trabalhadores independentes ou associados. Porém, há diferenças na forma de trabalho entre os dois tipos de organizações. Nas associações os catadores, uma vez membro pode utilizar os carrinhos emprestados. Nos depósitos, apesar de um controle e fiscalização, é mais fácil de conseguir o trabalho, ou seja, um carrinho. Tanto na associação como no depósito, o catador fica obrigado a vender o material para aquele depósito ou associação. Por isso o carrinho passa a ser um instrumento e contrato de trabalho, ligando o catador ao depósito ou associação. Depósitos e associações são responsáveis pela manutenção dos carrinhos. Nas associações, este trabalho é realizado por eles mesmos, devido à falta de dinheiro, os carrinhos se encontram sempre quebrados e sem manutenção. Em geral, trabalhadores associados recebem mais pela mesma quantia de materiais, quando vendem as associações e não são sujeitadas aos preços impostos por donos de depósito, por outro lado são desafiados pela falta de um veículo. Já nos depósitos, eles têm caminhão ou um carro para entregar materiais. Entre as associações de Fortaleza somente uma tem um caminhão, cedido pelo governo estadual, que às vezes compra material de outras associações. Dentro das associações, falta de educação formal leva a sentimentos de impotência, ficando difícil fazer a gestão e controlar finanças exigidas pela atividade, no dia-a-dia. Os resultados até o momento mostraram que uma parte da população de catadores se organiza em associações, mas a grande maioria trabalha para os depósitos

da cidade. Tanto os catadores associados quanto os dos depósitos se sentem sem alternativas de trabalho e, devido à necessidade de sobrevivência, se “sujeitam” a esse tipo de trabalho, como mostra a seguinte fala:

Mas não tem lugar [para trabalhar], não tem outro jeito, né? (Catador do Grupo Focal 1)

Isto mostra que os catadores encontram-se entre aqueles que foram excluídos do mercado de trabalho, provavelmente em função das transformações na produção e no trabalho, amplamente tratadas na literatura dos últimos anos e que conduziram à situação de precarização social de um imenso contingente de trabalhadores, incapazes de conseguir um lugar nas empresas “enxutas” do período pós-reestruturação produtiva (veja, por exemplo, Antunes e Pochmann, 2008). Talvez como uma forma de defesa, os catadores acreditam que trabalham “por conta própria”. Afirmam e exaltam o fato de poderem escolher o dia de trabalho, a hora de trabalhar, onde ir e até o que catar, como mostra o seguinte trecho retirado de um dos grupos focais:

Para mim trabalhar por conta própria é assim, porque fica sem depender dos outros, né? A gente é patrão da gente mesmo sem depender.

[...] então tá, seria por conta própria porque a gente não tem um horário não tem um patrão pra te dizer a hora que tu tem que voltar ou sair do trabalho.

Exatamente, não tem reclamação não tem nada. Por conta própria porque não tem patrão reclamando deixando algum recado, não, trabalhe num sei o que ...

Você não tem que dar uma satisfação que horas chega ou que horas sai. (Catadores do Grupo Focal 4)

Possuir a própria carroça ou carrinho seria o meio de se liberar do que consideram sua única limitação: ter de vender o produto do trabalho para o dono do meio de produção seja o depósito ou a associação:

Não se trabalha por conta própria porque o carrinho não é da gente.

Quando você trabalha com o carro do depósito, você tem por obrigação vender o lixo [para o depósito].

O fato de eles falarem por conta própria é em relação a isso, mas por obrigação você tem que vender no local em que eles pegaram o carrinho pra sair. (Catadores do Grupo Focal 4)

Assim, possuir o próprio carro tem um significado especial para os catadores. Possuir o meio de produção significa, entre eles, status social, reproduzindo a forma de produção capitalista. Mas, na verdade, a posse do instrumento não garante o ganho final que só é auferido quando se vende o produto do trabalho – os materiais recolhidos no dia. Isso, possuindo ou não a carroça, só ocorre em um depósito ou associação, após a separação e pesagem do material. O ganho, resultado final do trabalho, depende dos preços impostos pelo sucateiro ou pelas empresas da reciclagem. Portanto, como bem discute Bosi (2008), o catador é apenas o elo de uma cadeia produtiva onde o capital detem o poder final. Seu ganho, ou não ganho, depende dos preços praticados pela indústria. Esse ganho é bastante reduzido e sujeito a alterações quase que diárias. Alguns catadores relatam que nunca sabem quanto vão ganhar, pois os preços dos materiais podem ser um pela manhã e outro à tarde. De certa forma, o catador associado possui algumas vantagens na medida em que os ganhos podem ser maiores, uma vez que o material coletado pelos associados é vendido diretamente para as indústrias. De acordo com Aquino *et al* (2009) a organização em rede para a venda de material reciclável diretamente para as indústrias

pode refletir um aumento de cerca de 32% nos ganhos do catador individual. No entanto, as associações nem sempre possuem capital suficiente para pagar o catador no momento da entrega do material. A espera, decorrente do atraso no pagamento, pode ser, algumas vezes, impossível para um trabalhador que depende do ganho diário para sobreviver e, por isso, algumas associações, ou os catadores individualmente, acabam vendendo os materiais para o sucateiro. Um outro problema relatado é que as indústrias não se encarregam do transporte do material coletado. Parte do poder do sucateiro reside no fato de possuir um caminhão ou caminhote para fazer esse transporte. De qualquer forma, a relação do catador com seu meio de produção e ganhos do seu trabalho é melhor resolvida quando ele faz parte de uma associação. Em geral, há um cuidado especial com o instrumento, que é compartilhado pelos associados e os ganhos são maiores, não levando em conta os atrasos. Geralmente, os catadores tendem a ver seu trabalho apenas como um meio de subsistência, mesmo aqueles que participam de associações. São raros os catadores que consideram o trabalho na associação como um meio real de participação social e política.

CONCLUSÃO

Os dados obtidos apontam para a necessidade de orientação aos catadores e dirigentes para enfrentar as dificuldades do mercado a fim de garantir a sustentabilidade de suas associações. Para isso, é necessário a construção de uma identidade e autonomia coletivas, bem como o apoio efetivo das autoridades por meio de políticas públicas, como explica Cattani (2003):

No Brasil se faz necessário considerar as dificuldades e as conseqüências decorrentes não apenas da subordinação do trabalho ao capital, como também da própria crise do capital, inferindo sobre as possibilidades e potencialidades das associações cooperativas para fortalecimento de uma economia alternativa ao capital. No processo de fazer e pensar novas relações sociais que se contraponham à lógica da sociedade do mercado e da sociedade dos indivíduos pode tornar-se relevante a consideração da concepção marxista de cooperação, o que certamente contribuirá para uma nova leitura do mundo, uma nova consciência do trabalhador e trabalhadora quanto à necessidade de superar a cooperação capitalista como instrumento de exploração da força de trabalho.

Ainda segundo o autor, a realização da autonomia (individual ou coletiva) esbarra na ausência de condições objetivas da sociedade, sendo o atraso da população, sobretudo nas classes pobres e excluídas, um dos principais obstáculos. A pobreza cultural extrema, como é o caso dos catadores, obstaculiza qualquer iniciativa para se colocar o indivíduo numa condição humana digna. Estas reflexões iniciais têm o objetivo de situar o modelo de organização de trabalho adotado pelos catadores de materiais recicláveis. Não esquecendo as armadilhas em que se pode cair ao estudar a associação como real alternativa ao capitalismo e à exploração do trabalho, pretende-se aqui verificar as representações e a realização da autonomia entre esses trabalhadores precarizados, que vivem do trabalho informal, à margem das formas de trabalho assalariado protegidas pelas leis e pelo Estado. Tratando-se de pessoas com escolaridade sofrível, às vezes, inexistente, desprovidas de alternativas de trabalho e inserção social, seria esta forma de organização possível de potencializar uma participação social efetiva, voltada para a transformação de sua própria condição? Será que essas associações podem se tornar um *locus* privilegiado para pensar a educação

para autonomia e o desenvolvimento de indivíduos criativos em todas suas dimensões de vida? Considerando os relatos encontrados na pesquisa, até o momento, o trabalho associativo parece ser um espaço privilegiado para a construção de sujeitos autônomos que, solidariamente, enfrentem as dificuldades impostas pela exclusão social, desde que acompanhadas de políticas públicas que assegurem condições de trabalho dignas. Apesar dos esforços empreendidos, muitos catadores preferem deixar as associações e continuar trabalhando para os donos de depósito ou se tornarem, eles mesmos, deposeiros, minando, portanto, os recursos investidos nessa política pública. Diante dos desafios e questionamentos ainda a serem aprofundados sobre a construção de um sujeito autônomo, sobretudo no trabalho associativo, pretende-se dar continuidade à pesquisa buscando identificar como a autonomia é percebida e praticada pelos catadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adametes, C. M. (2004). Trajetória de uma associação de catadores (as) de lixo no Brasil: em busca do lugar social. In *VII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, Centro de Ciências Sociais, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra.

Al-Khatib, I. A., Arafat, H. A., Basheer, T., Shawahneh, H., Salahat, A., Eid, J. (2007). Trends and problems of solid waste management in developing countries: A case study in seven Palestinian districts. *Waste Management*, 27: 1910-1919.

Antunes, R. & Pochmann, M. (2008) Dimensões do desemprego e da pobreza no Brasil. *Revista InterfaceHS: Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente* [online], 3 (2). <http://www.interfacehs.sp.senac.br/images/artigos/140_pdf.pdf>.

Aquino, I. F.; Castilho A. B. & Pires, T. S. L. (2009) A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. *Gestão & Produção*, São Carlos, 16 (1): 15-24.

Sawaia, B. B. (2008) O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In SAWAIA, B. (Org.) *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 5^a.Ed. Petrópolis: Editora Vozes.

Segre, M.; Leopoldo, E. Silva, F.; Schramm, F. R. O contexto histórico, semântico e filosófico do princípio de autonomia. *Revista Bioética* [online], 6(1), 1998. Disponível em <http://www.portalmedico.org.br/revista/bio1v6/conthistorico.htm>. Acesso em 25/06/2009.

Brasil, Ministério do Trabalho (2001). *CBO – Código Brasileiro de Ocupações*. Disponível em: www.ministeriodotrabalho.gov.br. Acesso em: 3/4/2009.

Bosi, A. P. (2008) A organização capitalista do trabalho “informal”: o caso dos catadores de recicláveis. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 23 (67): 101-191.

Cattani, Antônio David. (Org.) (2003). *A outra economia*. Porto Alegre: Veraz Editores.

Colon, M.; Fawcett, B. (2006). Community-based household waste management:

Lessons learnt from EXNORA's 'zero waste management' scheme in two South Indian cities. *Habitat International*, 30: 916-931.

Dall'Agnol, C. M.; Fernandes, F. d. S. (2007). Health and self-care among garbage collectors: work experiences in a recyclable garbage cooperative. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, 15: 729-735.

Doan, P. L. (1998). Institutionalizing household waste collection: the urban environmental management project in Côte d'Ivoire. *Habitat International*, 22: 27-39.

Foucault, M. (2008) *Microfísica do Poder*. Organização e tradução Roberto Machado. 26ª. edição, Editora Graal. São Paulo.

Jornal o Povo (2006). *Á Cata do Lixo*. Reportagem sobre a pesquisa realizada pela IMPARH-Prefeitura Municipal de Fortaleza, Ceará em 03/10/2006. Disponível em <http://www.amc.fortaleza.ce.gov.br/article.php?storyid=1707>. Acesso em 23/3/2009.

Layrargues, P. P. (2002). O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In C.F.B.Loureiro, P. P. Layrargues, R. S. Castro (Eds.) *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania*. São Paulo: Cortez.

Lefevre, F. e Cavalcanti, A. M. (2006) O Sujeito coletivo que fala. *Interface-Comunic, Saúde, Educ.*, 10 (20): 517-524.

Machado, B. A., Moraes, G. G., Castro, R., Manfrinato, J. W. S.; Wiens, I. (2006). A importância social e econômica da implementação de cooperativas de materiais recicláveis. In *XXVI ENEGEP - Fortaleza, CE, Brasil, 9 a 11 de Outubro de 2006*: 1-8.

Magera, M. (2004). Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. *Administração em Pauta: ensaios, debates e tendências*, 2: 47-64.

Martins, C. H. B. (2004). *Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento*. Porto Alegre, FEE - Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser. Teses FEE.

Medeiros, L. F. R.; Macêdo, K. B. (2007). Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 3: 72-94.

Sousa, C. M. ; Mendes, A. M. (2006). Viver do lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal - Estudo exploratório. *Psicologia Organizações e Trabalho*, 6: 13-42.

Zia, H.; Devadas, V. (2008). Urban solid waste management in Kanpur: Opportunities and perspectives. *Habitat International*, 32: 58-73.